



# BOAS PRÁTICAS

## GESTÃO DE RESTAURO

É permitida a reprodução do conteúdo desta ficha, desde que sejam devidamente citadas as fontes. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Imitação da pedra granítica, um hábil trabalho de estucador, cuja receita deixa agora de ser privilégio de poucos.

OLINDA – PE

ISSN: 1980-8259

As Boas Práticas da Gestão da Conservação é uma série de fichas técnicas, elaboradas por profissionais e especialistas, com o objetivo de divulgar os estudos e as pesquisas, cujas experiências práticas têm se mostrado confiáveis e exitosas.

O compromisso com a utilização das boas práticas, em qualquer campo do conhecimento, é a garantia de se trabalhar bem e produzir bons resultados. As boas práticas são recomendadas como um modelo para se obter o melhor benefício com base na experiência acumulada. .

O CECI apresenta duas séries de fichas para divulgação das boas práticas da conservação do patrimônio cultural construído:

*Boas Práticas da Gestão da Conservação Urbana*

*Boas Práticas da Gestão de Restauro*

## ARGAMASSA RASPADA SIMILI-GRANITO, PEDRA FINGIDA e CIREX

Jorge Eduardo Lucena Tinoco, arquiteto

Essa Ficha Técnica de Boas Práticas da Gestão de Restauro apresenta os procedimentos para a produção de argamassa-raspada ou, como era denominada no passado, *simili-granito*, *pedra fingida* ou *cirex*. O objetivo é resgatar essa prática e motivar os profissionais de arquitetura e engenharia em utilizá-la nos revestimentos de paredes externas. Por suas características de resistência, impermeabilidade e longevidade esse tipo de acabamento pode ser considerado como uma conduta inteligente e sustentável.

### INTRODUÇÃO

Os trabalhos de estucador não se restringiam à produção de ornatos cujos elementos eram aplicados ou integrados na edificação. A produção de argamassas de revestimentos das paredes internas e externas também era um serviço que fazia parte do seu ofício. O estucador é o oficial que aplica o estuque, isto é, a argamassa de revestimento a base de cal e areia, conhecida popular e genericamente como reboco. Também, refere-se ao artista que modela os ornatos artísticos.

O estuque é uma massa de cal e areia com adições, conforme os casos, de gesso, pó de mármore, greda, colas e outros materiais, sendo usado para revestir as paredes internas, externas, forros, componentes como colunas, pilastras, entablamentos. Refere-se também aos trabalhos de acabamentos especiais de

pinturas a fresco e dos revestimentos conhecidos como marmorino, escaiola, tadelak.

Desde a primeira metade da década de 1970, o termo estuque só é empregado no Nordeste do Brasil para designar as argamassas e ornamentos aplicados nas edificações do passado. Embora seja ainda hoje popularmente utilizado para designar um tipo de forro de ambientes: *vende-se casa na primavera, rua principal, toda estucada, oportunidade única, em Guarabira, PB*<sup>1</sup>.

Com o surgimento do cimento Portland e com a sua mais ampla aplicação na construção civil, os trabalhos de ornamentação das edificações tiveram um grande impulso. Os componentes dos entablamentos, embasamento, ornatos como coruchéus, colunas e pilastras antes talhados nas mais variadas pedras, com grandes esforços e demandas de tempo, podiam agora ser rapidamente modelados em argamassa.

O estuque aparece no Brasil da segunda metade do século 19 como uma técnica revolucionariamente moderna para a arquitetura. Creio que com tanto sucesso quanto a baquelite foi para a indústria em geral no início do século 20. Com excelentes propriedades plásticas, as argamassas de estuque moldam-se às mais variadas e exigentes ideias de arquitetos e artistas.

Em Pernambuco, foram os frades capuchinhos italianos que trouxeram habilidosos mestres artífices

estucadores para a construção da Basílica de nossa Senhora da Penha (1870-1882), ali funcionando uma importante "escola de formação" desse ofício. Também, outras ordens foram responsáveis pela vinda de mestres estucadores europeus quando do repovoamento dos mosteiros e conventos no final do século 19 e início do 20<sup>o</sup>. É a partir desses mestres que se difundem as diversas práticas do estuque tanto os artístico-ornamentais como os de revestimentos parietais.

### ESTUQUE PARA FACHADAS

A técnica de revestir grandes superfícies externas em estuque, imitando alvenarias e utilizando pigmentos para mimetização das pedras, foi uma prática do arquiteto italiano Palladio (1508) em algumas de suas obras. Inclusive, talvez tenha sido ele a introduzir essa técnica na arquitetura do Renascimento. Os ingleses e franceses fizeram o mais amplo uso desse modo acabamento de fachadas.

Em Portugal havia o uso do estuque em fachadas para *...simulação de materiais nobres como a pedra, feita através de argamassas cuja coloração se obtinha pela cuidadosa seleção dos agregados e pelo controle das suas texturas...* (AGUIAR, 2011, p. 12). Na Inglaterra haviam quatro tipos de argamassas para as fachadas: *comum*, *áspero*, *bastardo* e *alisado*, sendo utilizadas a cal hidráulica, areia lavada e pasta de cal pigmentada (LEWIS, 2011, p. xii). Entretanto, é provável



que a introdução dessa técnica no Sudeste e Nordeste do Brasil tenha sido feita por arquitetos ou engenheiros ingleses a partir do final do século 19<sup>iii</sup>.

O *revival* do estilo do Renascimento nos edifícios públicos marcou a aplicação das argamassas em bossagens a bisel, vermiculas e outros, particularmente, nas linhas de embasamento. Dois tipos de estuque destacam-se no cenário das nossas fachadas: argamassa-raspada ou cirex<sup>iv</sup> e simili-granito<sup>v</sup> ou pedra fingida, sendo o primeiro difundido no âmbito da incorporação imobiliária em Pernambuco até a década de 1960.

## ARGAMASSA RASPADA

A denominação não é antiga. Inclusive, até o momento, este autor não encontrou referências em manuais e dicionários do passado que designem o estuque ou rebocos com acabamentos rústicos para exteriores como *argamassa raspada*<sup>vi</sup>. É provável que tenha surgido a partir das décadas de 1960 ou 1970.

A argamassa raspada ou reboco com acabamento rústico foi produzido no Recife em algumas edificações até as décadas de 1950 e 1960. Esse tipo de revestimento era quase sempre feito em argamassa de cal, areia e cimento com a adição de pigmentos, sendo que, em alguns casos, recebiam bocados de malacacheta (mica).

O edifício Walfrido Antunes (1962), na esquina das ruas Riachuelo e Gervásio Pires, ainda preserva os rebocos nessa técnica. Inclusive, decorridos mais de cinquenta anos, denota nunca terem recebido manutenções de limpeza. Apenas, alguns reparos inadequados e grosseiros.



Fig. 02 – Edf. Walfrido Antunes (1962), Recife - PE

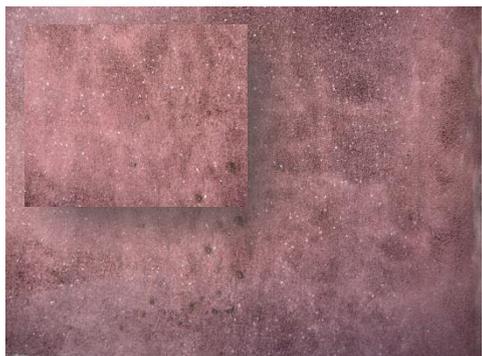


Fig. 03 – Idem. Argamassa raspada, pigmentada (rosa) com adição de grãos de mica (malacacheta).



Fig. 04 – Idem. Argamassa raspada com adição de pigmento amarelo.

A argamassa raspada era executada obedecendo as seguintes especificações:

Executar em duas mãos, sendo a primeira o emboço e a segunda o reboco. Antes de aplicar o emboço as superfícies das paredes devem ser bem limpas a vassoura e em seguida molhadas. O emboço deve ser bem comprimido (estucado) contra a parede e deve apresentar uma superfície áspera para facilitar a adesão do reboco. Para isso o pelo da massa deve ser arriado. O reboco só poderá ser executado quando o emboço estiver endurecido. Toda a areia deve ser peneirada, lavada e queimada. Guardar toda a areia fina e média queimadas em barricas bem fechadas. O emboço tem a dosagem de uma parte de cal em pasta e três partes de areia grossa. A cal deve ser virgem, em pedra, calcificada da melhor qualidade, calcinada a mais de 800° C, isenta de quaisquer impurezas. Deve ser extinta em lugar apropriado, onde deverá chegar bem seca e em estado virgem (ativa). Após o processo de hidratação deve ficar em maturação pelo período de três meses (no mínimo), sendo remexida e amassada uma vez ao dia, diariamente. Dosagem de massa para curtir: uma parte de cal em pasta e três partes de areia grossa (cuidado com a água para não encharcar a massa) – curtir na baía por dois dias. Dose do cimento: seis partes da massa curtida mais uma parte de cimento. O cimento será branco ou preto conforme a cor do reboco. Preferência pelo cimento inglês ao nacional. O reboco é feito com areia fina ou média pelo acabamento desejado. A dosagem do reboco é uma parte de cal em pasta e duas partes de areia fina ou média – curtir por dois dias. Dosagem de cimento: oito partes da massa curtida mais uma de cimento. Fazer testes com as dosagens de cor (pigmento) e de malacacheta (grãos e pó) para definir a dosagem de cada. Depois de seco, lavar com solução de ácido muriático, com mais ou menos força para obter maior ou menor rústico. Usar baba de sabão na massa se quiser impermeabilizar. Nesse caso não usar o ácido (R.A.)<sup>vii</sup>

## SIMILI-GRANITO e CIREX

O simili-granito é o processo de imitação da pedra granítica. A argamassa em vez de areia recebe como agregado o pó de granito, que é convenientemente peneirado e lavado. A execução desse tipo de reboco segue os procedimentos semelhantes da argamassa raspada. Apenas, o cimento branco e a areia não são utilizados. O uso da cal é opcional. No caso da Soledade a argamassa não levou cal.

O Cirex era um produto industrializado, uma argamassa pronta comercializada como a Quartzolit, conforme citações em especificações de obras (DOU, 1954, p. 10.563).



Fig. 05 – Igreja Nossa Senhora da Soledade, Recife-PE. Todos os revestimentos externos em simili-granito.

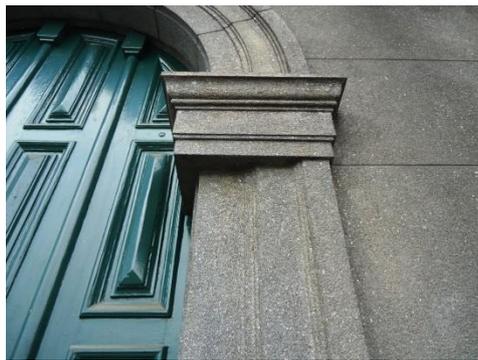


Fig. 06 – Idem. Vão da porta central da nave. Todas as modelaturas em simili-granito.



Fig. 07 – Idem. Detalhe da argamassa, sendo bem visíveis os grãos de mica (malacacheta) envolvidos pelas granilhas de granito.

## CONCLUSÃO

É notável a resistência dessas argamassas de revestimentos aos intemperismos ao longo do tempo nas cidades. Algumas centenárias (ou quase) provarão ser as mais adequadas ao revestimento das fachadas exteriores. Em Pernambuco, foi um absurdo e, pode-se afirmar, um crime contra a economia o setor da incorporação imobiliária, associado à indústria de materiais, ter inculcado no consumidor serem as cerâmicas e as pedras ornamentais os revestimentos de mais valia nos edifícios.

Ficam estas recomendações aos gestores de restauro e demais profissionais estucadores para produção de argamassas de fachadas resistentes e impermeáveis, que dispensam a periodicidade de pinturas e reparos. Boas práticas!

## REFERÊNCIAS

As informações contidas nesta ficha incluem os registros das experiências pessoais do autor em canteiros de obras desde a sua infância até o contato diário com mestres de artífices na vida profissional. Estão grafadas no texto como: Registros do Autor – R.A.

### BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, José A *Cor (das Cidades Portuguesas) Antes do Moderno. Perplexidades, Descobertas Recentes e Investigações em Curso*. In “A Construção da Cidade Portuguesa na América”, PoD Editora, Rio de Janeiro, 2011.  
DOU - Diário Oficial da União de 29 de novembro/1933.  
DOU - Diário Oficial da União de 29 de dezembro/1954  
LEWIS, Miles *Origins of Stucco*. In Victorian Stucco, Heritage Council of Victoria, Melbourne, Australia, 2011.

## NOTAS

<sup>i</sup> Anúncio em classificados da internet. Disponível em: <<http://guarabira.olx.com.br/vende-se-casa-na-prima-vera-rua-principal-toda-estucada-opportunidade-unica-iid-485196086>>.

<sup>ii</sup> Sobre o assunto leia-se: *O Catolicismo no Brasil*, de Thales de Azevedo, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1955.

<sup>iii</sup> É um estudo que exige uma investigação mais acurada para, inclusive, se saber sobre os níveis de influência dessa técnica pelos franceses nessas regiões do país.

<sup>iv</sup> Uma especificação da Secretaria Geral de Viação e Obras, da Prefeitura do Distrito Federal, de contratação de serviço de acabamento no bloco “A”, do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, publicada no Diário Oficial da União - D.O.U., de 24/dez, indica ser o CIREX o nome de produto industrializado, pois o contrato exige que ele seja acondicionado na obra na embalagem de fábrica.

<sup>v</sup> Do francês *simili granite* que designa “similar ao granito” ou “granito fingido”. É possível ver a grafia *simili-granito* num edital de concorrência pública no Diário Oficial da União – DOU, de 21.set.1932. (R.A.)

<sup>vi</sup> “*Em São Paulo, no final da década de 1940, quando trabalhei com meu irmão na ECOR (Fernando José Tinoco, dono da Construções e Obras Rodoviárias ECOR Ltda.) a gente fazia pedra fingida com pó de pedra granito, mas não a chamava de argamassa raspada*”, testemunho de Jorge José Tinoco (1921†2012), empreiteiro e projetista, pai deste autor (R.A.).

<sup>vii</sup> Anotações em antigos cadernos de obras de Jorge José Tinoco.